

**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



O ambientalismo volta as ruas no Antropoceno: o casoda *Extinction Rebellion* Reino Unido

Winnie Bruna de Souza Pereira
Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
winnie.pereira@fau.ufrj.br

Sessão Temática 08: Movimentos sociais e a construção do urbano contemporâneo

Resumo. Estamos vivendo no Antropoceno, período geológico e geohistórico nascido provavelmente nos anos 1950 em que a ação humana tem se tornado uma força geológica com poder suficiente para interagir e alterar todos os sistemas da Terra. Além disso, identificamos uma relação entre a ascensão da época e a emergência do chamado movimento ambiental moderno. E por isso, podemos considerar o Antropoceno como, também, uma época de Reflexividade. Assim, desde a década passada do século XXI, estaríamos vivenciando a terceira onda do movimento ambiental, com a ascensão de movimentos ambientais radicais baseados na ação direta. Um dos exemplos entre eles seria o coletivo britânico Extinction Rebellion (XR), conhecido por suas estratégias de desobediência civil em massa e ações diretas não-violentas. O objetivo deste artigo é demonstrar outra característica importante dessa terceira onda de ativismo ambiental, exemplificada pela XR, que é a retomada do espaço público como lugar de ativismo. Por meio de levantamento bibliográfico e de entrevistas feitas com ativistas em ações de rua na cidade de Londres, percebemos que o retorno às ruas é central para a própria identidade do movimento.

Palavras-chave. Movimento ambiental; Antropoceno; ativismo ambiental contemporâneo; Extinction Rebellion

Environmentalism returns to the streets in the Anthropocene: the case of Extinction Rebellion UK

Abstract. We are living in the Anthropocene, a geological and geohistorical period probably born in the 1950s in which human action has become a geological force with enough power to interact and change all the Earth systems. Furthermore, we identified a relationship between the rise of the epoch and the emergence of the so-called modern environmental movement. And for that reason, we can consider the Anthropocene as also a time of Reflexivity. Thus, since the last decade of the 21st century, we would be experiencing the third wave of the environmental movement, with the rise of radical environmental movements based on direct action. One of the examples among them would be the British collective Extinction Rebellion (XR), known for its strategies of mass civil disobedience and non-violent direct actions. The purpose of this article is to demonstrate another important feature of this third wave of environmental activism, exemplified by XR, which is the resumption of public space as a place of activism. Through a bibliographic survey and interviews with activists in street actions in the city of London, we realized that the return to the streets is central to the very identity of the movement.

Keywords: Environmental movement; Anthropocene; Contemporary Environmentalism; Extinction Rebellion

El ecologismo vuelve a las calles en el Antropoceno: el caso de Extinction Rebellion UK

Resumen. Vivimos en el Antropoceno, un período geológico y geohistórico probablemente nacido en la década de 1950 en el que la acción humana se ha convertido en una fuerza geológica con poder suficiente para actuar y alterar todos los sistemas de la Tierra. Además, identificamos una relación entre el auge de la época y el surgimiento del llamado

movimiento ecologista moderno. Y por ello, podemos considerar el Antropoceno también como una época de Reflexividad. Así, desde la última década del siglo XXI estaríamos viviendo la tercera ola del movimiento ecologista, con el surgimiento de movimientos ecologistas radicales basados en la acción directa. Uno de los ejemplos sería el colectivo británico Extinction Rebellion (XR), conocido por sus estrategias de desobediencia civil masiva y acciones directas no violentas. El propósito de este artículo es demostrar otra característica importante de esta tercera ola de activismo ambiental, ejemplificada por XR, que es la reanudación del espacio público como un lugar de activismo. Por medio de un levantamiento bibliográfico y entrevistas a activistas en acciones de calle en la ciudad de Londres, nos dimos cuenta de que el regreso a las calles es central en la identidad misma del movimiento.

Palabras clave: Movimiento ambiental; Antropoceno; Ecologismo contemporáneo; Extinction Rebellion

1. Introdução

Esse artigo trata da emergência do Antropoceno e da conexão com a emergência do movimento ambiental moderno. Defendemos que o Antropoceno não é apenas a época do empreendimento humano e dos riscos ambientais, mas também é uma época de reflexividade, quando grupos da sociedade ocidental industrializada passaram a se auto-confrontar como participantes e beneficiários do modelo de produção capitalista-desenvolvimentista que sustentava essa sociedade, responsável por amplos danos ambientais já identificáveis nos anos 1950. Esse movimento teria ocorrido em três grandes ondas: (1ª) nos anos 1970-80; (2ª) nos anos 1990-2000; e (3ª) a partir dos anos 2010. Agora estamos vivenciando a terceira onda do movimento ambiental, iniciada na década passada e caracterizada pela ascensão de movimentos ambientais radicais de ação direta. Um exemplo de movimento fruto dessa terceira onda é o movimento de origem britânica *Extinction Rebellion*, conhecido por suas estratégias de desobediência civil em massa, ações diretas não-violentas e grupos de ativistas dispostos/os a serem presas/os pela causa.

Partindo do exemplo posto pela XR Reino Unido, neste artigo procuramos apontar uma característica importante dessa terceira onda que é a retomada do espaço público como lugar de manifestação e local dessa ação direta. Para isso, utilizamos como objetos de estudo manifestações ocorridas na cidade de Londres entre novembro de 2019 e março de 2020, em que acompanhamos as ações e fizemos dezenas de entrevistas com ativistas participantes. Contudo, para embasar essa exploração empírica, partimos de uma revisão bibliográfica que será apresentada a seguir. E em sequência apresentaremos as ferramentas e métodos utilizados para a construção dessa pesquisa.

2. Revisão Bibliográfica

O Antropoceno foi um conceito reintroduzido no meio científico entre 2000 e 2002 pelo químico holandês Paul Crutzen, ganhador do Prêmio Nobel de Química de 1995. Sua pesquisa com o “buraco na camada de Ozônio” o convenceu de que o equilíbrio de forças planetárias estava mudando e que as atividades humanas poderiam competir com processos naturais. Crutzen resgatou esse termo anteriormente utilizado pelo geólogo soviético Aleksei P. Pavlov, em 1922, e pelo biólogo Eugene Stoermer na década de 1980, na defesa de que as ações antrópicas no ambiente natural estariam modificando, de forma irreversível, as características que formavam o período interglacial do Holoceno (CRUTZEN, 2002; ANGUS, 2016).

Sob nossa ótica, para além de época geológica, o Antropoceno também funciona como o mais recente “chamado à ação” da história contemporânea. Devemos considerar que outros chamados à ação, como o buraco na Camada de Ozônio ou o aquecimento global, haviam gerado desde os anos 1970 preocupações com o futuro da humanidade e do planeta. Esses chamados demonstraram que o Antropoceno seria o momento histórico em que toda a conjuntura neoliberal e democrática se organizou para garantir que o vetor do crescimento econômico continuasse *ad infinitum*.

Desta maneira, o Antropoceno não tem sido apenas o espaço temporal em que seres humanos extrapolaram os limites planetários, mas também o lugar de onde se parte uma preocupação genuína e espalhada de grupos humanos em conter a degradação ambiental. Do nosso ponto de vista o Antropoceno também é a época da reflexividade, uma auto-confrontação de grupos humanos que passam a reconhecer a intensidade da agência humana e suas consequências ambientais para humanos e não-humanos.

1.1 Antropoceno como Lugar de Reflexividade



Nos anos de 1990 os autores Anthony Giddens e Ulrich Beck descreveram o processo da chamada da modernização reflexiva, a transformação das sociedades industriais “modernas”, em sociedades de risco-reflexividade. Acreditamos que uma transformação como essa não poderia acontecer tomando nossas sociedades como um todo, principalmente considerando as desigualdades socioambientais entre países do Norte e do Sul Global. Entretanto, é possível perceber esse processo de *reflexivização* em determinados grupos desde os anos 1960, quando surgiu a primeira onda de movimentos ambientais modernos, pouco tempo depois do início da chamada Grande Aceleração. E assim, o nascimento do ambientalismo moderno, praticamente coincide com as primeiras décadas da Grande Aceleração, um período de crescimento explosivo nos meios industriais, econômicos, urbanos e demográficos seguindo o final da Segunda Guerra Mundial (GIDDENS, 1994).

Sendo assim, essa nova conscientização ambiental surge em meio a plataforma de oportunidades criada por diversas questões, como por exemplo, o surgimento do relatório “Os Limites do Crescimento” (1972) divulgado pelo Clube de Roma, pela I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em 1972, e posteriormente pelo Protocolo de Montreal, assinado em 1987, que tratava da redução do uso de clorofluorcarbonetos (CFCs) para o combate a diminuição da camada de Ozônio (SMITH; PANGSAPA, 2008). Ainda assim, consideramos que essa preocupação ambiental “moderna” se iniciou ainda na década anterior, em resposta a publicação da denúncia ambiental trazida pelo livro “Primavera Silenciosa” (2015) escrito em 1962 por Rachel Carson. Mesmo que o livro da bióloga tratasse de uma degradação ambiental mais localizada, serviu para gerar um debate ampliado sobre os impactos humanos na natureza, que depois se ampliou para o âmbito global.

Esses dois momentos que marcaram a ascensão da consciência ambiental se basearam em filosofias distintas. De acordo com Acselrad (2010), esse processo seria caracterizado pela noção de “*ambientalização*” proposta por Frederick H. Buttel na década de 1990. Essa noção se relaciona a dois âmbitos: o discursivo, com a adoção da temática ambiental mais genérica por grupos sociais; e prático, com a adoção dessa temática “para legitimar práticas institucionais, políticas, científicas [...]” (ACSELRAD, 2010, p. 104).

O mesmo autor procura levantar dois os significados que foram atribuídos à questão ambiental nesse processo de *ambientalização* de movimentos, pelo menos entre as décadas de 1970 e 2000, um contracultural, e um utilitário. O movimento ambiental baseado no sentido contracultural criticava o estilo de vida baseado na apropriação da natureza, consumismo, a ascensão da indústria química e a mecanização da agricultura. Estaria, nesse sentido, situada a crítica produzida pelo trabalho de Rachel Carson, que chegou a ser perseguida pela indústria química americana que havia ascendido no período Pós-Guerra como uma das indústrias mais importantes naquele período desenvolvimentista do início da Grande Aceleração. Essa indústria havia “solucionado” problemas essenciais principalmente para a agricultura, como o combate a pragas e ervas daninhas. E durante mais de uma década, ainda não tinha sido questionada publicamente, mesmo que tais substâncias químicas, como os inseticidas DDTs (Dicloro-Difenil-Tricloroetano), estivessem dizimando a fauna, a flora e gerando doenças em humanos.

Já o segundo sentido, o utilitário, é atribuído ao próprio Clube de Roma que, segundo Acselrad (2010, p. 108) se preocupava com a preservação natural, apenas para “assegurar a continuidade da acumulação de capital”. Ou seja, após três décadas de crescimento e desenvolvimento acelerados em países centrais a partir do pós-Guerra, a ideia era economizar recursos e energia para garantir a propagação da exploração ambiental no futuro.

E assim, os dois sentidos ambientais, cultural e utilitário, estariam disputando há décadas o cenário do debate ambiental. Para ativistas do ambientalismo utilitário, o meio ambiente é formado por recursos, quantificáveis e passíveis de serem explorados desde que para fins de apropriação e manutenção da sociedade, sem se incluírem conteúdos socioculturais diferenciados. Sob esse utilitarismo, que poderíamos considerar antropocêntrico, o verdadeiro risco que corremos é o de

escassez futura desses recursos materiais que sustentam as cidades e todo o estilo de vida capitalista. Ou seja, danos ambientais “democráticos” indiferenciados que inviabilizam o crescimento econômico e a produtividade, impactando a todos igualmente. Já para ambientalistas movidos pela razão cultural (ou contracultural) o meio ambiente tem diversos aspectos socioculturais e *não existe sem sujeito*, em outras palavras, seus significados se diferenciam de acordo com as diferentes sociedades e culturas. O dano ambiental não acontece de forma indiferenciada e nem é “democrático”. Pelo contrário, o risco seria diferenciado e desigualmente distribuído, sob bases espaciais e raciais. Isso se daria em relação a vulnerabilidade diferenciada, as diferentes realidades de cada grupo, além da diferente capacidade de cada grupo de lidar com esse risco (ACSELRAD, 2010).

Essa divisão entre utilitários e culturalistas ocorreu na chamada primeira onda do movimento ambiental moderno. Uma segunda onda seria aquela surgida durante os anos 1990 e dos anos 2000 que parece também ser dividida em duas diferentes abordagens. De um lado, uma continuação da abordagem utilitarista que se fortalece por meio de eventos internacionais relacionados ao Meio Ambiente, como a Rio-92 e as Cúpulas das Partes Pelo Clima (COPs) que ocorrem anualmente desde 1995. Essa razão continua ecoando a ideia de “desenvolvimento sustentável”, e é chamada por Acsehrad (2010) de “modernização ecológica”, baseada na possibilidade de manutenção do sistema vigente com a ampla integração de novas tecnologias para conter a degradação ambiental e preservar o universo não-humano, ainda como fonte de recursos ambientais a serem explorados de forma “mais sustentável” continuamente.

Dentro da segunda onda, também existiu uma visão contrastante evoluída da visão culturalista, formada pelas razões *bioambientalistas* radicais, que advogavam pela chamada *bioequidade* não-hierárquica entre espécies, e pela ecologia social. Um grande desdobramento da ecologia política seria a ascensão do movimento pela justiça ambiental no final dos anos 1990, apontando para a superposição da desigualdade social e a degradação ambiental, tratando de assuntos como injustiça climática e racismo ambiental (no Brasil temos grandes exemplos como o movimento indígena e o movimento anti-barragens). Diferentemente, da frente modernizadora, esses movimentos advogavam por uma linha de ação radical ao exigirem uma revisão ou a completa revolução do sistema que gerou a problemática ambiental (ACSELRAD, 2010).

Mais recentemente, Saunders (2013) identificou o surgimento de uma chamada terceira onda de movimentos ambientais, que enfatizam o colapso climático e os ideais de justiça climática, e são concentrados na ação direta. Tais movimentos também são considerados radicais e fazem as organizações da ecologia política parecerem quase moderadas. A *Extinction Rebellion* seria fruto dessa terceira onda do ambientalismo moderno, mas foge de algumas classificações básicas da Teoria dos Movimentos Sociais, pois sua estrutura é baseada na descentralização e semi- independência de diversos grupos locais. Tais grupos, organizados como associações de bairro ou núcleos municipais, podem ter demandas ambientais locais ao mesmo tempo em que integram e fortalecem uma rede global de manifestações. Além disso, a chamada XR tem um repertório que pode ser entendido como paradoxal, quando se rebelam contra o governo devido a uma falha no funcionamento da democracia, mas pretendem gerar pressão sobre as instituições. Isso ocorre, pois acreditam que na conjuntura atual o Estado ainda é aquele que tem o poder para gerar a mudança necessária e combater o colapso climático.

1.2 O caso da *Extinction Rebellion* Reino Unido



Figura 1. Bandeira com símbolo da *Extinction Rebellion* na Ação *Enough is Enough: Together We March*, em Londres, em 22 de fevereiro de 2020 (fonte: elaborada pelos autores).

Em 31 de outubro de 2018, algumas centenas de ativistas ambientais, em sua maioria britânicos brancos, reuniram-se na Praça do Parlamento e se declararam em rebelião contra o governo do Reino Unido, em prol das causas ambientais. Em torno de 1.500 pessoas (incluindo famílias, crianças e idosos) participaram desse ato de desobediência civil não-violenta que oficializou o lançamento da *Extinction Rebellion* (ou Rebelião da Extinção, em português). Nas duas semanas seguintes, em torno de 6 mil ativistas participantes e simpatizantes da “XR” (sigla em inglês) passaram a ocupar espaços públicos importantes nas áreas mais centrais de Londres. Inclusive, executaram o bloqueio humano de cinco pontes londrinas do outro lado do Rio Tamisa. Esse é um exemplo de ação direta que é estimulada pela organização do movimento para que aconteça sempre no meio urbano das cidades mais importantes de cada país e do mundo. Desde 31 de outubro de 2018, e mesmo com uma paralisa temporária durante o primeiro ano de pandemia, a XR demonstrou uma característica profundamente urbana em sua organização. Havia uma necessidade de retomar o espaço da rua como local de protesto, mesmo em tempos de redes sociais e vida digital pulsante.

Muitos dos ativistas da XR compartilhavam um conjunto de ideais aparentes que se expandem além do desejo de “salvar o planeta” da degradação ambiental e da ameaça climática. Parecia haver também um clamor por uma democracia mais ampla e participativa, assim como a defesa do retorno aos ideais de comunidade e solidariedade. Mas, ao invés de um comunitarismo excludente, bairrista por assim dizer, os rebeldes defendiam a criação de uma comunidade e rede de solidariedade global, incluindo humanos e não-humanos. Em poucos meses o movimento ou coletivo exerceu enorme tração global e atualmente existe em dezenas de países em todos os continentes.

Partindo do núcleo inicial da XR Reino Unido, a Rebelião já se espalha por 84 países em cinco continentes, contando com mais de 1,1 mil grupos locais, além do corpo central do movimento chamado de *Global Support* fornece ferramentas, materiais, treinamento e dinheiro para que

indivíduos e grupos possam criar seus próprios núcleos em qualquer país. A maior parte dos grupos, contudo, ainda se concentra na Inglaterra, e já ultrapassam 400 células semi-independentes. A capital do Reino Unido, Londres, concentra o maior foco de protestos e ações da XR, visto que parte da visão do movimento é de que o protesto só ganha força quando “atrapalha” a vida de grandes cidades, onde se concentra a riqueza e as instituições de poder, interrompendo temporariamente o fluxo urbano (XR REBELLION.GLOBAL, 2022).

Contudo, as táticas utilizadas pelo movimento, incluindo a tentativa proposital de prisão de centenas de ativistas em atos de interrupção da vida pública (como o bloqueio de vias e pontes ou a colagem de ativistas em edifícios públicos e institucionais), são controversas. Todavia, por mais controversas que essas ações possam ser, elas resultaram em algumas conquistas, como a real chamada de atenção para o debate climático gerada pela prisão de centenas de pessoas durante as principais ações da XR. Além disso, em maio de 2019, num momento anterior à crise gerada pela pandemia da Covid-19, o Parlamento britânico foi pioneiro em declarar a existência de uma emergência climática e em novembro daquele mesmo ano, enviou 30 mil cartas para a população convidando os cidadãos para uma assembleia voltada para a emergência climática (MACKINTOSH, 2019).

Destacamos algumas especificidades sobre as intenções do movimento, como sua clara base coletiva e política, defendendo sempre uma mudança sistêmica muito mais ampla que simples escolhas individuais “mais sustentáveis”. E embora procurem não apontar culpados individuais por meio de uma ideologia de “no-blaming, no-shaming”,¹ consideram que a maior falha é cometida pela política institucionalizada e pela mídia, ao não confrontarem a realidade e não contarem a verdade sobre a emergência ambiental sem precedentes que enfrentamos. E essa ideia está no depoimento da Dra. Gail Bradbrook, uma das co-fundadoras do movimento:

Os problemas que nós estamos enfrentando são três cenários principais: um, é o colapso da civilização, ou você tem bilhões de pessoas morrendo ou a extinção humana. A mídia não está fazendo seu trabalho e a democracia não está fazendo seu trabalho. E o que acontece em um movimento de desobediência civil é que você tem que perturbar o modelo “business as usual”, que é tão destrutivo. Não existe outro planeta como esse que conhecemos. Por que não damos atenção à maior crise que a humanidade já enfrentou e tentar alcançar boas soluções juntos? Isso é tudo que a *Extinction Rebellion* está realmente pedindo (MACKINTOSH, 2019, tradução nossa).

Originalmente a *Extinction Rebellion* (XR) foi um desdobramento de um movimento chamado “Rising Up!” criado por um grupo de 20 ativistas ambientais ingleses, como a Dr.^a Gail Bradbrook, Roger Hallam, Simon Bramwell e Stu Base. E diferentemente de outras organizações ambientais internacionais como a Greenpeace e a WWF, a XR não se organiza como um movimento centralizado, e não se caracteriza como uma ONG. É um movimento ou coletivo internacional de ativistas ambientais, de caráter descentralizado, de natureza não-partidária, e formado por núcleos e grupos de pequena e média escala ao redor do mundo. Essas pessoas procuram se organizar em ações de pressão aos governos para que esses ajam de acordo com a emergência ambiental que estamos enfrentando.²

Segundo Saunders et al. (2020), o engajamento da XR e de novos grupos de ação popular foi estimulado pelas evidências da piora dos impactos das mudanças climáticas que foram detalhados no penúltimo Relatório Especial do IPCC, lançado em outubro de 2018, sobre o aquecimento global de 1,5° C e sobre a previsão de que teríamos (naquele momento) apenas doze anos para agir de forma contundente de forma a tentar reverter esses impactos (em outras palavras, a *deadline* para combater as mudanças climáticas seria em 2030). Esse levante vinha sendo desenhado desde 2016, com uma abordagem conectada a uma tradição de ativismo ambiental transgressor, mas que atingiu uma potência ou tração não-usual. A estratégia de desobediência popular em massa não é nova, mas o movimento também enfatiza a ideia de luto pela Terra e defende um dever moral de agir, mais do que político, e isso não teria precedentes. E assim, a abordagem da XR “olha para a história” e mobiliza milhares de pessoas em ações disruptivas e ilegais se inspirando no estudo de ações históricas anteriores, como o movimento pelos direitos

civis americanos da década de 1960, ou a luta não-violenta pela independência indiana (SAUNDERS et al., 2020).

E assim a população, organizada em um “movimento de massa descentralizado de cidadãos preocupados”, deve se engajar em ações radicais para reduzir os efeitos da ameaça climática, e por meio disso, reformar e expandir a “democracia quebrada” (FARRELL et al, 2019, p. 11, tradução nossa). Assim, a organização do movimento desenhou essas três demandas-chaves:

1. “CONTE A VERDADE” (*Tell the truth*): O governo deve contar a verdade e declarar uma emergência climática e ecológica;
2. “HAJA AGORA” (*Act now!*): O governo deve agir agora para interromper a perda de biodiversidade e reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE) para zero líquido até 2025;
3. “ALÉM DA POLÍTICA” (*Go beyond politics*) O governo deve criar e ser conduzido pelas decisões de uma assembleia dos Cidadãs/cidadãos dentro desse assunto.

Devido à noção de descentralização, cada grupo nacional ou local da XR pode decidir sua forma de agir e suas estratégias de organização. Contudo, é sugerido que sigam 10 princípios e valores³ básicos para que um grupo possa se considerar “Rebelde” e empunhar as bandeiras do movimento. Tais princípios podem ser sumarizados em torno das ideias de descentralização, desobediência civil em massa, não-violência e cultura regenerativa (XR REBELLION.GLOBAL, 2019):

- Descentralização: a estrutura do movimento se baseia na autonomia e descentralização, questionando e evitando a concentração de poder e a unificação de discursos, para que qualquer pessoa ou grupo possa se organizar de maneira autônoma e agir em nome da XR;
- Desobediência civil em massa: a intenção é mobilizar um conjunto massivo de pessoas para se juntarem as manifestações. Com base na pesquisa de Erica Chenoweth, a XR considera que seria necessário mobilizar 3,5% da população para obter mudanças significativas em nosso sistema;
- Não-violência: a XR defende unicamente estratégias e táticas não-violentas, pois acreditam que essas são as mais eficazes para provocar mudanças. Seria inclusive uma forma de evidenciar os detentores principais da violência, que seriam os entes estatais;
- Cultura regenerativa: essa cultura está na base organizacional da XR, intencionando ser saudável, resiliente e adaptável, que cuide do planeta e da vida, por meio de melhorias suaves e constantes que ajudem a melhorar e curar o planeta, assim como o ativismo e os próprios ativistas, por meio da reconexão com o natural.

2. Metodologia

Esse trabalho inicia com a conceituação do Antropoceno, por meio de revisão bibliográfica desde as geociências, passando pela Sociologia Ambiental e pela Teoria dos Movimentos Sociais. Partimos, assim, para um questionamento sobre como o combate a mudança climática, nas suas diferentes escalas, manifesta-se no âmbito dos movimentos ambientais. E como isso ocorreu nos últimos anos, particularmente, pelas ações da *Extinction Rebellion* do Reino Unido.

Do ponto de vista empírico, o estudo realizado com o movimento ambiental escolhido foi feito entre outubro de 2019 e dezembro de 2020, com a tentativa de descrever a identidade do movimento. As entrevistas realizadas com ativistas da XR ocorreram, principalmente, entre novembro de 2019 e março de 2020. E assim, a construção do nosso modelo de análise para os dados coletados segue as teorias de autores como a socióloga Maria da Glória Gohn, autora do livro “Teoria dos Movimentos Sociais” (1997). Segundo a autora, a identidade de um movimento social ou ambiental decorre de seus projetos, extrapolando as representações que o movimento constrói para si

mesmo e para outros, e sendo uma somatória das práticas do movimento a partir de um referencial que está nos seus projetos.

Além da identificação de elementos que delineiam a identidade do movimento como proposto por Maria da Glória Gohn (1997), também nos inspiramos no modelo de análise proposto pelo autor Bran R. Taylor no livro “Ecological Resistance Movements” de 1995. Para este artigo, adaptamos uma das 04 linhas de inquérito utilizadas por Taylor (1995):

- Tour descritivo do movimento ambiental: descrição dos movimentos com observações primárias e entrevistas e suplementação com pesquisa documental (em livro e na mídia), entrevistas mais estruturadas e observação participante. Objetivo: entender e representar o movimento em seus próprios termos; descrever as percepções das/dos próprios participantes e entender suas CAUSAS e suas propostas de SOLUÇÕES; descrever nossas próprias percepções do movimento como observadores que oscilam entre externos e internos e de observadores externos, como a mídia.

Nossa investigação partiu de informações coletadas em livros como “This Is Not a Drill: an Extinction Rebellion Handbook” (2019); “No One Is Too Small To Make a Difference”, (2019); e “Common Sense for the 21st Century” (2019); e em arquivos da mídia tradicional, como diversas reportagens de jornais, principalmente da *BBC News* e do *The Guardian*.

No que tange às entrevistas, a escolha de realizá-las *in loco* (durante ações de rua e espaços públicos) se justificou pela interação entre o movimento ambiental e o espaço urbano. Queríamos entender o que “atuar nas ruas” significava para essas pessoas, em tempos de redes sociais. Também intencionamos capturar suas emoções e opiniões ali, durante ou logo após as ações, colhendo assim respostas mais genuínas. Dessa forma, nos concentramos em comparecer em ações amplas, convocadas pela XR Reino Unido, ao invés de comparecer a todas as atividades pulverizadas pela metrópole, organizadas por diferentes grupos locais.

Nossas primeiras 8 entrevistas, realizadas em 29 de novembro de 2019 (mobilização Boycott Black Friday e November Global Climate Strike) e 10 de janeiro de 2020 (mobilização Australia’s Bushfire Rebellion) foram todas feitas em vídeo ou áudio, com questões básicas e uma estrutura mais dialógica que podia mudar a depender do rumo que as entrevistas tomassem. Contudo, a partir de janeiro de 2020, modificamos a estratégia e passamos a fazer entrevistas utilizando um questionário anônimo em papel. As entrevistas foram organizadas a partir dos princípios e valores da XR, de discursos e questões presentes no livro “This Is Not a Drill” e de reportagens de jornal. Os questionários foram testados em uma atividade de menor porte promovida pela XR Reino Unido chamada *Love Songs For The Planet*, realizada na Praça do Parlamento em 12 de fevereiro de 2020.

Nas ações seguintes oferecemos o questionário aleatoriamente aos/as respondentes. No total, foram 90 entrevistas em papel. Aplicamos esses questionários nas seguintes ações: *Love Songs For The Planet*, em 12 de fevereiro de 2020; *Enough is Enough: Together We March Enough is Enough* (Figuras 1 e 2) em 22 de fevereiro de 2020; *Vigil for the Earth*, em 02 de março de 2020; e na Conferência de Mobilização em Massa *People Power 2020*, em Birmingham, em 07 de março de 2020.

As entrevistas continham perguntas básicas, como nome, autodeclararão de gênero e de etnia/raça e idade. Também questionamos uma miríade de outras perguntas que nos ajudariam a construir a identidade do movimento, principalmente (como demonstrado neste artigo), qual era a importância do movimento para a/o entrevistada/o e qual a importância em se protestar nas ruas, sob o ponto de vista dessas pessoas.

3. Resultados e Discussões

Segundo o *XR Global Support* (2021), a XR é um movimento de “pessoas comuns” e qualquer um que aderir aos Princípios e Valores pode agir em nome da *Extinction Rebellion*. Essa estratégia

teria permitido mais inclusividade e diversidade, mas também um rápido crescimento do movimento, além de novas formas de se organizar aproveitando o poder da sua natureza descentralizada.

3.1 Perfil demográfico das pessoas entrevistadas



Figura 2. Ativistas da XR marcham nas ruas do Piccadilly Circus, Londres, na Ação “Enough is Enough: Together We March”, em 22 de fevereiro de 2020 (fonte: elaborada pelos autores).

Neste tópico, descrevemos o perfil demográfico das/dos ativistas da XR que entrevistamos. Os dados empíricos foram extraídos tanto das 11 entrevistas em vídeo, quanto nos 90 formulários e aqui encontramos dados relacionados a faixa etária, gênero, raça/etnia e educação. Contudo, destacamos que nossas entrevistas não foram baseadas em cálculos estatísticos por amostragem, e assim, nossos resultados podem não representar um retrato preciso do perfil geral da/do Rebelde. Nossa metodologia utiliza os dados quantitativos juntamente com uma análise qualitativa e têm, assim, um caráter mais descritivo.

Começamos a traçar o perfil demográfico pela autodeclaração de gênero. E devido a grande quantidade de identidades de gênero que existem, optamos por deixar a pergunta com resposta livre. Sendo assim, 66,3% das entrevistadas se autodeclararam como “mulheres”, e 31,7% se autodeclararam como “homens”, e 02 pessoas se declararam como gênero “não-binário”. Essa questão foi importante para nós, pois percebemos em nossas experiências em ações da XR um protagonismo feminino considerável, tanto entre as/os manifestantes como em posições de apoio ou coordenação. Devemos destacar que, de acordo com o Censo de 2011, mulheres e meninas representavam aproximadamente 51% da população inglesa (ONS GOV UK, 2011).

Também procuramos traçar um perfil racial e/ou étnico do movimento por meio de autodeclaração em resposta livre. Segundo o Censo britânico de 2011, 86% da população britânica se auto identificava como Branca/o; dentro deste grupo, a maior parte das pessoas se declarou como Branca/o Britânica/o (80,5%); já as pessoas pertencentes a grupos étnicos asiáticos representavam 7,5% da população; pessoas autodeclaradas como negras representavam 3,3% da população; pessoas miscigenadas/de grupos étnicos múltiplos representavam 2,2% da população; e outros grupos étnicos representavam 1% da população total. Todavia, Londres, sendo a maior metrópole do país, é também a mais diversa. Na capital, 40,2% das pessoas se autodeclararam como não-brancas (18,5% de asiáticas/os; 13,3% de negras/os; 5% de pessoas de grupos mistos; e 3,4% de outras etnias) (ONS GOV UK, 2011).

De acordo com nossas entrevistas, mesmo Londres sendo mais diversa que o restante do país, o perfil racial/étnico ficou mais próximo da proporção nacional. Das/dos nossas/os 101 respondentes, 4 em cada 5 das/dos se autodeclararam como brancas/os (80,2%). Oito pessoas (7,9%) se autodeclararam como asiáticas/os. Quatro pessoas se declararam como negras (3,95%) e cinco pessoas se declararam como multirraciais (4,95%), como demonstrado no gráfico contido na Figura 3, a seguir.

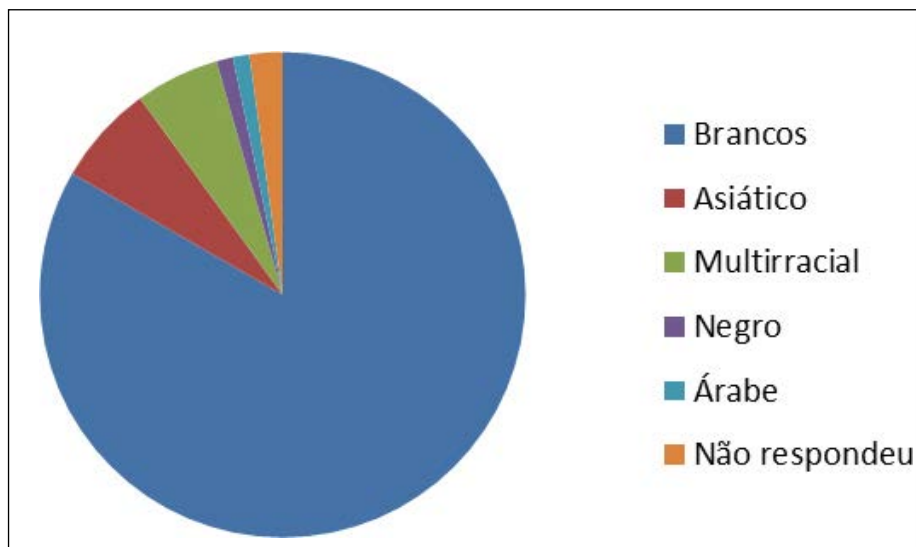


Figura 3. Perfil racial/étnico das/dos respondentes (fonte: elaborada pelos autores).

Questionamos, também, a faixa etária das/dos nossas/os respondentes e evitamos entrevistar qualquer ativista com menos de 18 anos de idade. Então dividimos nossas opções em cinco grupos, em uma questão objetiva de resposta única: 18 a 24 anos; 24 a 29 anos; 30 a 39 anos; 40 a 59 anos; e acima de 60 anos. Segundo nossa análise existe uma proporção parecida na participação dos primeiros quatro grupos etários, ao mesmo tempo em que a participação de pessoas com mais de 60 anos foi menor. O grupo etário com maior participação em nossas entrevistas foi o de 18 a 24 anos de idade, com 25,75% de entrevistadas/os. Já as/os respondentes com 25 a 29 anos de idade representaram 18,8% do total. Já o grupo de pessoas com 30 a 39 anos corresponderam a 19,8% das/dos entrevistadas/os. As pessoas com idades entre 40 e 59 anos corresponderam a 21,8% das entrevistas. E, por fim, pessoas com mais de 60 anos corresponderam a 10,9% das/dos respondentes. O gráfico contido na Figura 4 reflete bem a proporção similar entre grupos de participantes de 25 a 59 anos:

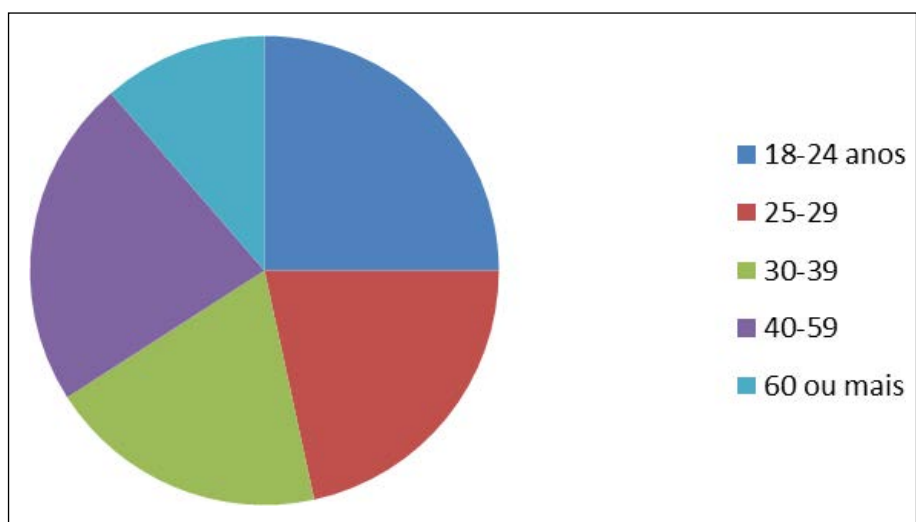
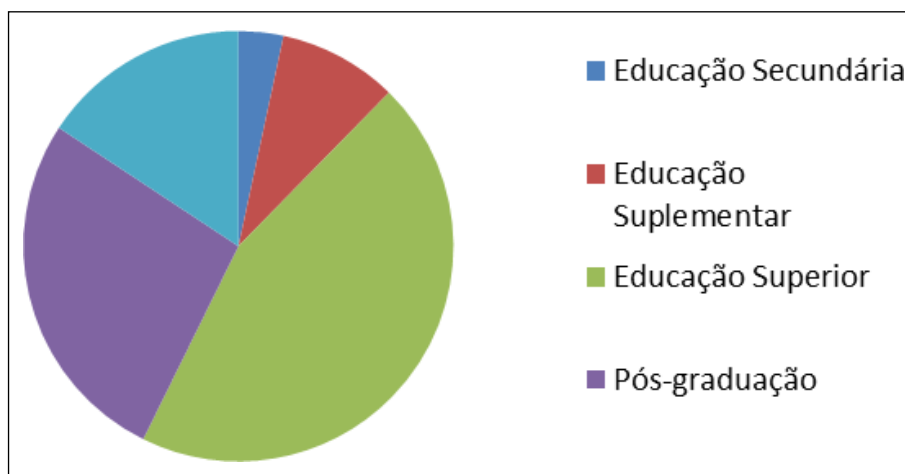


Figura 4. Proporção de participantes por faixas etárias (fonte: elaborada pelos autores).

Também questionamos o nível educacional das/dos entrevistados, em uma questão objetiva de resposta única, com base nos níveis educacionais mais comuns no Reino Unido: Educação Primária (equivalente ao ensino fundamental brasileiro), Educação Secundária (equivalente ao nosso ensino médio), Educação Suplementar (*A Level* ou equivalente, uma espécie de preparatório para universidades concorridas), Educação Superior e Pós-Graduação.

O que percebemos é que as/os participantes da nossa entrevista têm em média mais anos de educação que a média do país. Segundo dados da ONS (*Office for National Statistics*) de 2018, 42% da população entre 21 e 65 anos possuem qualificação em nível universitário (graduação e/ou pós). Já entre nossas/nossos entrevistadas/os 71,1% tinham pelo menos Educação Superior, sendo que 26,7% delas/deles possuíam algum nível de Pós-Graduação (Figura 5).

**Figura 5.** Nível educacional das/dos respondentes (fonte: elaborada pelos autores).

Segundo Saunders et al. (2020), no Reino Unido existe uma correlação entre o acesso à Educação Superior e a posição na estrutura de classes socioeconômicas. E, por isso, as/os autores questionam se, devido ao alto nível de pessoas graduadas e pós-graduadas na XR, isso significaria que a maioria dessas/desses manifestantes fazem parte da classe média. Todavia, nós não encontramos um método claro de levantamento da dita classe social das/dos respondentes.

Em suma, com base nas entrevistas e na nossa observação *in loco* se pudéssemos traçar um perfil de um/uma participante médio/a da XR, poderíamos dizer que se trata de uma mulher, branca, jovem (entre 18 e 40 anos de idade), de classe média e com educação superior. Contudo, novamente reafirmamos que não criamos nossas entrevistas com base em uma amostragem quantitativa calculada (assim como também não o fez Saunders et al., 2020) e esse perfil não necessariamente reflete a realidade. Mesmo assim, quando observamos as ações no local (demonstrado em vídeos e fotos), percebemos, pelo menos, sim uma participação massiva de pessoas brancas jovens, aparentemente do gênero feminino.

3.2 A rua como lugar do ativismo da *Extinction Rebellion*

Como foi dito, nossa maior consideração neste artigo é o papel do ativismo urbano e do comparecimento às ruas para protestar. Pretendemos entender tanto no discurso do movimento e também sob o ponto de vista das/dos ativistas entrevistadas/os, a importância dada à manifestação nos espaços públicos, principalmente nas cidades centrais, em tempos de redes sociais e multiversos. A XR utiliza estratégias não apenas para se manifestar na via pública, mas também de bloquear essas mesmas vias e pontes urbanas, “sentando nas ruas” (HALLAM, 2019b, p. 101) interrompendo o trânsito e causando disrupção nos diversos fluxos da cidade.

Jacout et al. (2019) escreveram um texto instruindo as/os Rebeldes sobre como construir uma ação. As ações “disruptivas” que acontecem nas cidades, para os autores, são muito importantes e devem ser planejadas com cuidado, evitando tentar responder a cada nova crise, o que pode levar a exaustão das/dos ativistas e, conseqüentemente, do movimento. Sugerem que a melhor forma de agir é escolher diversas áreas importantes da cidade, o que causará maior efeito sobre a atividade urbana, ampliando assim o impacto da ação. Mesmo assim, destacam a necessidade de escolher “zonas de segurança” dentro da área urbana escolhida, onde pessoas com crianças e ativistas não dispostas/os a serem presas/os possam estar em segurança. Da mesma forma, sugerem que se reconheça áreas que precisam ficar livres, como hospitais e estações do Corpo de Bombeiros.

Como mostra o gráfico contido na Figura 6 a seguir, das opções sugeridas em nosso questionário, a mais popular foi “chamar a atenção da mídia e dos governos”, assinalada por 76,7% dos respondentes. Outra opção popular foi “mostrar que ativistas são pessoas reais”, numa era onde se pode manejar robôs na internet em torno de determinada questão. Essa opção foi marcada por 57,7% das/dos respondentes. “Atrapalhar a vida normal da cidade” e “interromper o fluxo econômico” também foram motivações assinaladas por metade das pessoas entrevistadas. Outras opções menos populares, assinaladas por aproximadamente um terço das/dos entrevistados, foram “sinestesia e energia entre pessoas”, “mostrar uma opinião política” e “chamar atenção do público geral”.

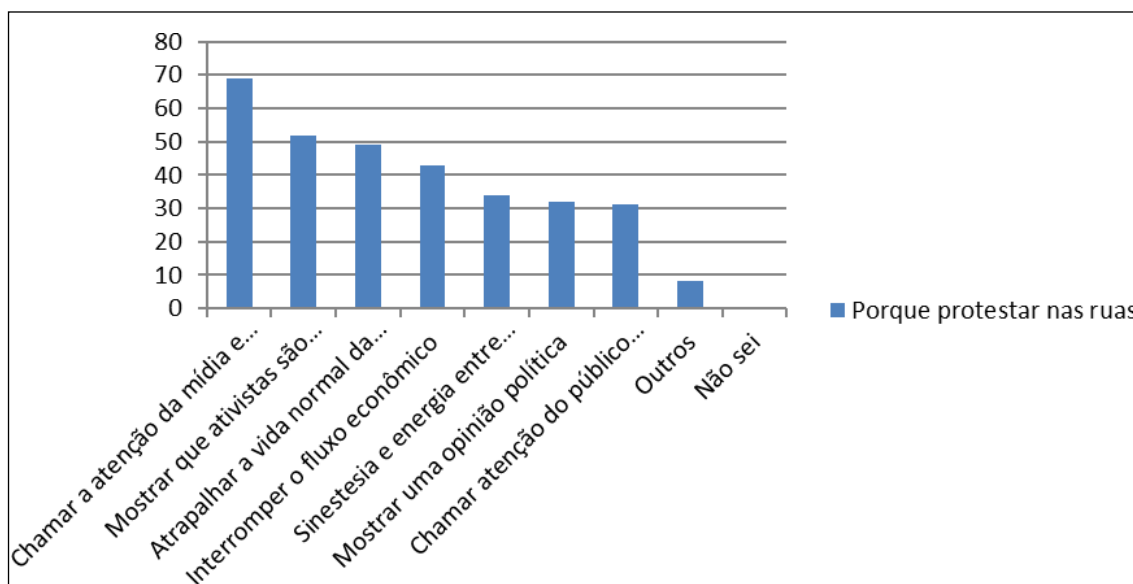


Figura 6. Porque ainda é importante protestar nas ruas segundo as/os respondentes (fonte: elaborada pelos autores).

Acreditamos que o resultado dessa questão mostra que as/os ativistas são cidadãos que querem ser considerados e querem mostrar às instituições de poder que elas existem. Também querem estar juntas e agirem de forma coletiva e comunitária. Essas pessoas acreditam que o protesto no espaço público ainda é a melhor estratégia para chamar atenção do governo e da mídia, ao atrapalhar os fluxos da cidade e da economia. E essa visão fica clara em diversos depoimentos em vídeo que colhemos, como o de Amber, que fala sobre a importância de criar um espetáculo mesmo tempo em que se “atrapalha” a vida na cidade, pois não apenas interrompe o fluxo econômico, mas também faz as pessoas comuns prestarem atenção:

Acho muito importante ir para as ruas [protestar], por causa do que falamos na Indução sobre disruptão; [...] não é apenas perturbação, porque não é apenas sobre impedir as pessoas de fazerem o que normalmente fariam. É também sobre criar um espetáculo. Não apenas parando as pessoas, mas fazendo-as parar e prestar atenção e dizer "oh uau" e acho que isso você pode fazer na rua. A rua é o único lugar para fazer isso. [...] e também é uma maneira de reunir as pessoas como uma comunidade; fazer dessa ruptura um espetáculo; fazer acontecer. E acho que

isso é importante porque mantém as pessoas engajadas no que estamos tentando alcançar (AMBER, 2020, tradução nossa).

Já Caroline, outra entrevistada em vídeo, jornalista britânica negra na casa dos 40 anos, falou sobre a energia e a potência do encontro real entre as pessoas em ações na rua e a sensação de suporte e pertencimento que parte disso:

Porque você não pode obter essa energia ao estar online. Não há nada mais potente ou mais poderoso do que estar com outras pessoas pessoalmente e na vida real, porque é aí que você sente a energia. E muito de nossas vidas, isto é, é sobre viver online. Então eu acho que se as pessoas se reúnem uma vez, eu estive nas marchas, tenho certeza que você também, você realmente sente uma sensação de apoio, você conhece outras pessoas cara a cara (CAROLINE, 2019, tradução nossa).

Observamos a partir dessa questão, que a onda atual do ativismo ambiental resgatou o papel da cidade e do espaço público como cenário de suas manifestações. E neste trabalho, entendemos as cidades como processos complexos multidimensionais e multiescalares em que os aspectos da vida humana se desenvolvem, incluindo as externalidades à urbanização de que a cidade depende para existir. Pois, embora sejam reconhecidas pelas suas hinterlands, as cidades incluem não somente o espaço de ocupação no plano físico, mas também as atividades para o sustento urbano que acontecem “fora” de seus territórios. O espaço urbano per si ocupa algo em torno de 2% da superfície seca do planeta, contudo as cidades chegam a consumir de 75 a 80% dos bens naturais; suas práticas materiais espaciais gerando impacto em 83% dessa superfície (BURDETT; SUDJIC, 2012).

A cidade é o espaço político por excelência e não é surpresa que os movimentos ambientais atuais retomam o espaço da cidade para protestar. É na cidade que as instituições e a maior parte da população estão. É nelas que se organiza a lógica de produção capitalista e, para ativistas das XR, interromper a cidade é interromper o funcionamento dessa produção, além de chamar atenção da maior parte da população (Figura 7). A XR pretende, como disse uma de nossas entrevistadas, “ir às ruas e reivindicar as ruas [...] para colocar pressão nos governos e companhias” (PALOMA, 2019, tradução nossa). Ou seja, retomar o espaço público a sua função ideal, a função da ágora, onde se faz a política, com ampla participação popular.



Figura 7. - Manifestantes em marcha no centro de Londres, na Ação “Enough is Enough: Together We March”, em 22 de fevereiro de 2020 (fonte: elaborada pelos autores).

Sendo assim, acreditamos que existe um alinhamento entre os discursos gerais da XR e as opiniões das/dos entrevistadas/os sobre a responsabilização das instituições públicas, assim como o escopo coletivo de ação, a criação do senso de comunidade e a necessidade do retorno às ruas para o ato de protestar.

4. Conclusões

Iniciamos este artigo falando da emergência do Antropoceno, coincidente com o período da Grande Aceleração e sua relação com a emergência do chamado movimento ambiental moderno. Demonstramos que esse movimento reflexivo nasce poucos anos após o início do Antropoceno, cujo marco temporal seria o ano de 1945. Esse movimento teria ocorrido em três grandes ondas, e agora estaríamos vivenciando a terceira onda, num momento pós-Acordo de Paris, com a ascensão de movimentos ambientais ainda mais radicais, baseados na ação direta. Um dos exemplos entre esses movimentos seria o estudo de caso desse artigo, o movimento inglês *Extinction Rebellion*, conhecido por suas estratégias de desobediência civil em massa, ações diretas não-violentas e, inclusive, grupos de pessoas dispostas a serem presas pela causa.

Nesse artigo procuramos apontar que outra característica importante dessa terceira onda, exemplificada pela XR, seria a retomada do espaço público como lugar de ativismo. A ocupação da rua, e dos espaços livres de Londres, pelo movimento, faz parte de uma estratégia central do movimento: ocupar os espaços em uma onda massiva de desobediência civil, causando enorme interrupção nos fluxos da cidade e da economia.

Por fim, em nosso levantamento bibliográfico, como em nossas entrevistas, pudemos perceber que o retorno às ruas é central para a própria identidade do movimento. E isso se dá tanto para chamar a atenção do governo e da mídia, por meio da ruptura temporária do funcionamento da cidade, como para fortalecer os próprios ativistas, atestando sua existência e sua preocupação reais e também criar senso de pertencimento.

5. Agradecimentos

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo financiamento para a pesquisa, bem como ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB/FAU/UFRJ) pelo apoio e infraestrutura a essa pesquisa.

6. Notas

¹ Não culpabilizar, não envergonhar”, ou seja, não constranger e culpar pessoas comuns pelo colapso ambiental.

² Nas palavras de Greta Thunberg, agir “como se nossa casa estivesse em chamas, pois realmente está” (2018)

³ Princípios e valores completos disponíveis em: <https://rebellion.global/pt/about-us/>

7. Referências

ACELRAD, H. Ambientalização das lutas sociais – o caso do movimento por justiça ambiental. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, 2010.

ANGUS, I. **Facing the Anthropocene**: fossil capitalism and the crisis of the Earth system. Nova Iorque: Montly Review Press, 2016.

BURDETT, R; SUDJIC, D. **Living in the Endless City**: The Urban Age Project. Phaidon Press: 2012, 2ª ed.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa**. Editora Gaia, 2015.

CRUTZEN. Geology of mankind. **Nature**, v. 415, 2002.

EXTINCTION REBELLION GLOBAL. **Os Nossos Valores**. 2021. Disponível em: <https://rebellion.global/why-rebel/>

FARRELL, C et al. **This Is Not a Drill**: An Extinction Rebellion Handbook. Penguin Books, 2019.

GIDDENS, A. **Reflexive Modernization**: Politics, Tradition and Aesthetics in the Modern Social Order. Califórnia: Stanford University Press, 1994.

HALLAM, R. **Common Sense for the 21st Century**: only nonviolent rebellion can now stop climate breakdown and social collapse. Arthur Ford: 2019a. Disponível em: <https://www.amazon.com/Common-Sense-21st-Century-Nonviolent/dp/1645020002>

MACKINTOSH, E. **A psychedelic journey, a radical strategy and perfect timing**. How the world's fastest-growing climate movement was made. CNN, Londres, 25 dezembro de 2019. CNN World. Disponível em: [encurtador.com.br/cmKZ8](https://www.cnn.com/2019/12/25/world/climate-movement/index.html). Acesso em: 18 de agosto de 2020.

SAUNDERS, C et al. A New Climate Movement? Extinction Rebellion's Activists in Profile. **CUSP Working Paper**, v. 1, n. 25, 2020.

SAUNDERS, C. **Environmental Networks and Social Movement Theory**. Bloomsbury Publishing, 2013.

SMITH, M. J.; PANGSAPA, P. **Environment and Citizenship**: Integrating Justice, Responsibility and Civic Engagement. Londres: Zed Books, 2008.
